

Apresentação

Quando ingressei no curso de graduação em Pedagogia da PUC-Rio não fazia ideia das possibilidades de atuação do profissional formado nessa área. Logo no primeiro período, no âmbito da disciplina “Educação: fundamentos teórico-práticos” ministrada pela professora Rosalia Duarte, participei de ricas discussões sobre as especificidades da educação formal e da educação não-formal e sobre os diferentes espaços de inserção do pedagogo. Diversos projetos educativos foram apresentados e um deles me chamou a atenção: um programa de televisão educativa.

Para a conclusão daquela disciplina, entrevistei alguns profissionais de um programa televisivo de artes, cultura e entretenimento da TV Brasil (antiga TVE Brasil) – Recorte Cultural. Tinha interesse em saber como era desenvolver um programa no espaço de uma televisão educativa e, em decorrência disto, como a questão da formação educativa via televisão estava sendo vista pelos sujeitos que aí atuavam. Voltando à turma, debatemos sobre as particularidades da interlocução entre os campos da Educação e da Mídia, tanto no contexto das pesquisas acadêmicas quanto em propostas de cunho prático.

Motivada por essa experiência, comecei a participar do grupo de pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), coordenado pela professora Rosalia Duarte. E, desde então, faço parte desse grupo.

Assim que cheguei ao GRUPEM, a pesquisa *Significados e valores na relação de crianças com produtos audiovisuais* estava sendo desenvolvida. Esta investigação tratava do impacto da relação com filmes na produção de sentidos, ou seja, em que medida uma relação mais intensa com filmes de boa qualidade interfere nas hipóteses que as crianças formulam acerca das mensagens e também da linguagem cinematográfica. Logo fui seduzida pelo cinema. E, esse interesse se tornou uma paixão. Como bolsista de iniciação científica, realizei dois trabalhos. O primeiro, “A experiência estética na relação de crianças com filmes”, buscou compreender fatores relacionados à formação estética audiovisual de crianças. O segundo, “A experiência estética no âmbito da produção audiovisual”, analisou e discutiu como a experiência estética se configura durante a produção de uma obra de arte, especialmente, de filmes.

Olhando para trás, percebi o quanto meus caminhos na graduação foram filosóficos. Os meus interesses e objetos de pesquisa acabaram me direcionando aos temas abordados pela Filosofia.

Quando decidi ingressar no programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio (mestrado), optei por me aproximar das questões referentes às tecnologias, muito influenciada pela pesquisa que o GRUPEM vinha produzindo naquele momento, *Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais*, que visava abordar a maneira como os atores escolares vinham se relacionando com as tecnologias. À época, pretendia tratar a relação entre docentes e estudantes por vieses que me permitissem focar a aprendizagem no contexto da realidade digital.

Pensava ser muito distante uma abordagem filosófica para as tecnologias. E, de certa forma, principalmente devido aos congressos de que participei e também aqueles de que ouvi falar, acredito que os estudos de orientação filosófica para o campo da educação e da mídia e, mais especificamente, para as tecnologias, ainda não gozam de grande espaço e reconhecimento. Mas, mesmo assim, me senti instigada pelo mito que envolve a cultura digital, temática que pode se espalhar em diferentes disciplinas, mas que apresenta uma direção fundamentalmente filosófica. Considero que essa é uma questão frutífera para pensar a escola hoje e o lugar do professor, uma vez que tem sido atribuído às tecnologias um alto poder de resolução dos problemas da educação.

Parece que a cultura digital e o proposta tecnocientífica que engendra estão sendo postulados como substitutos do projeto moderno, no tocante a um novo plano de superação das dificuldades humanas. Neste sentido, muito do imaginário que diz respeito ao fenômeno das tecnologias digitais toca em preceitos religiosos, associando-os aos aspectos científicos do advento; as promessas das tecnologias têm assumido o intento de apanágio para os diversos campos da existência humana, incluindo a educação. Diante disto, pode-se considerar que o imaginário tecnológico tem sido fortemente marcado pelas narrativas míticas da digitalização.

A partir dessa história desenvolvi minha dissertação, cujos principais sujeitos são os docentes e cuja matéria-prima de pesquisa se refere ao imaginário tecnológico que eles carregam ao exercerem sua função em tempos de cultura digital.

1 Introdução

Minha participação na pesquisa “Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais”, desenvolvida entre 2009 e 2011, despertou um primeiro interesse pela relação entre professores e alunos no contexto das tecnologias digitais. Esse estudo envolveu três grupos de pesquisa: GRUPEM - Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia e LAEd - Laboratório de Avaliação da Educação, ambos da PUC-Rio; e Coordenação de Educação em Ciências do MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins).

A investigação abrangeu uma amostra de 39 escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro e um conjunto de 3705 estudantes e 127 docentes (de turmas do nono ano do Ensino Fundamental), cujos objetivos consistiram em: identificar modos de uso de mídia pelos alunos e seus professores e as habilidades desenvolvidas face aos diferentes ambientes de utilização; perceber correlações entre habilidades no uso de tecnologias digitais e motivação para os estudos entre os estudantes e investigar fatores escolares ligados à promoção de motivação para o aprendizado e a correlação destes com a probabilidade de desfechos educacionais favoráveis à continuação da escolaridade.

Alguns questionamentos levantados no relatório “Juventude e Mídia” sobre os docentes – os usos que estes fazem em seu cotidiano das diferentes mídias a que têm acesso; as habilidades que desenvolveram ao utilizar as mesmas; as práticas que aplicam em sala de aula com vistas a motivar os alunos para o estudo, com e sem o recurso de mídias (no caso deste trabalho, o debate é, exclusivamente, sobre as práticas pedagógicas com mídias) – figuraram como pano de fundo na continuidade dos meus estudos.

Seguindo em minhas reflexões, optei por focar o professor, buscando tratar do lugar reservado à figura deste profissional em meio ao que se convencionou chamar “cultura digital”. Neste sentido, iniciei o percurso deste trabalho tendo por finalidade analisar e discutir a legitimidade da função docente, pelo ponto de vista daqueles que a exercem, em uma conjuntura marcada pela intensa mediação tecnológica da comunicação e pelo amplo acesso à informação.

Cabe ressaltar que a legitimidade tem a ver com justificativa. Neste viés, quando falo em legitimidade pela perspectiva do professor, estou considerando a maneira como os próprios profissionais justificam ou não seu papel; justificam a pertinência da profissão docente no contexto da cultura digital.

Como desdobramento desse escopo, uma outra questão se destacou: o que muda na atuação pedagógica, no ponto de vista do professor, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação? Estes questionamentos tinham em comum o foco nas impressões dos docentes e essa é uma marca que se manteve desde então na definição dos demais objetivos, nos quais pretendo olhar para o universo pedagógico via olhar desses profissionais. Considero que, antes de políticas serem implementadas e programas de formação (inicial e continuada) serem reformulados para atender as demandas de uma época, são os professores, no âmbito da sala de aula na tessitura do trabalho diário, que melhor podem perceber o que muda ou não na sua função em meio ao fenômeno das tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

No itinerário de minhas leituras, tive contato, também, com resultados da pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras – TIC Educação 2010. Este estudo ofereceu algumas informações acerca do perfil de utilização das tecnologias da comunicação pelos docentes de educação básica, permitindo compreender um pouco mais a interação que estes profissionais estão estabelecendo com as TIC em território nacional.

Na investigação TIC Educação 2010, um dado saltou como flagrante e confirmou a importância de continuar investigando os professores e suas práticas na seara da cultura digital: os sujeitos pesquisados revelaram que uma das principais dificuldades para o uso mais intenso das tecnologias na instância escolar, na opinião deles, se deve ao grau inferior de *expertise* tecnológica em comparação ao nível apresentado pelos estudantes. A maioria dos entrevistados (64% de uma amostra de 1.541 distribuídos em 500 escolas brasileiras) “concordou totalmente que os alunos da escola sabem mais sobre computador e Internet do que o docente” (BARBOSA, 2011, p. 129). Este aspecto foi defendido, inclusive, pelos profissionais mais jovens. Deste percentual, pelo menos 25% dos investigados se sentiu desautorizado a lançar mão das tecnologias na escola, deixando de usá-las nas atividades em classe, por acreditar não conhecê-las o bastante para esta iniciativa.

É interessante salientar que, com esse resultado, não se pode afirmar que os professores estão vivenciando certo mal estar nesses tempos marcados pela presença de tecnologias digitais, mas esse dado é, no mínimo, intrigante. Essa informação se revelou significativa não somente pelo aspecto quantitativo, mas, sobretudo, pela questão que enseja, a da percepção dos docentes sobre a própria relação com as mídias e sobre a interação dos estudantes com estes artefatos. Sendo assim, esse resultado serviu como uma espécie de certificado na minha decisão em centrar nos professores frente às tecnologias.

Em seguimento, a partir dessa informação, uma hipótese formulada no início de minha trajetória de pesquisa se manteve pertinente: estariam os docentes, devido a uma suposta “baixa utilização” e/ou pouco conhecimento das mídias digitais, se “desautorizando” diante de um suposto alto uso e/ou conhecimento das tecnologias por parte dos alunos?

Este resultado também contribuiu para definir o objetivo dessa dissertação que ainda vinha sendo desenhado. Uma vez que eu pretendia olhar para a legitimidade da profissão docente na cultura digital, através da perspectiva do professor, cabia buscar as vozes destes sujeitos. Percebi que ouvir este profissional não somente possibilitaria me aproximar das impressões dele acerca do problema, mas também, poderia contribuir para compor o que estou chamando de imaginário tecnológico desses docentes.

O imaginário pode ser concebido como uma totalidade que guarda os sonhos, utopias e mitos. Para a Sociologia do imaginário, este seria um modo de análise do social e, por isso, ele seria transversal às diversas atividades humanas (LEGROS et al., 2007). No caso do imaginário tecnológico, pode-se considerar que este guardaria o mito da digitalização. Para Felinto (2006), este último, por sua vez, vem conduzindo o projeto tecnocientífico contemporâneo aos patamares dos princípios religiosos no que tange as promessas das tecnologias. Ou seja, a denominada cultura digital e suas narrativas explicativas estão preenchidas de mitologias sobre as consequências da tecnologia como instrumento de aperfeiçoamento humano. É como se a atual cultura tecnológica efetivasse as utopias religiosas ao vincular o homem a uma divindade, neste caso, a máquina.

Diante desta concepção do imaginário tecnológico, uma segunda hipótese foi produzida: ainda que um imaginário seja algo, em primeiro plano, de natureza não material, ele pode incidir materialmente nas relações e nas práticas quando se

considera uma situação específica. Sendo assim, o imaginário tecnológico pode estar se efetivando materialmente na atuação do professor, ou seja, este profissional leva para a sala de aula muito do mito que cerca a cultura digital, no qual, dentre outros preceitos, os estudantes seriam “superdotados” tecnologicamente.

Por materialidade, neste caso, levo em conta a maneira pela qual o imaginário tecnológico interfere ou influencia na prática do docente, principalmente no que diz respeito às práticas pedagógicas que envolvem a utilização de tecnologias em sala de aula. Parto do pressuposto de que um dos fatores para o uso ou não das tecnologias em sala de aula tem a ver com o imaginário tecnológico revelado pelo professor. Por sua vez, este imaginário pode ser amistoso em relação às tecnologias ou ser tributário do mito que, como dito acima, coloca os alunos num patamar de especialização tecnológica mais elevado em comparação aos docentes.

No bojo dessa segunda hipótese, o objetivo central desse trabalho foi definido como: captar e discutir insumos do imaginário tecnológico de professores. Acredito que este imaginário pode ser o quadro referencial com o qual os docentes percebem a função pedagógica nos tempos atuais, no que diz respeito à questão das tecnologias. Entendo, também, que as reflexões trazidas por estes profissionais podem ser reveladoras de como se sentem ao exercerem a docência nesse mesmo contexto. A partir do imaginário tecnológico experimentado pelos professores também pretendo abordar outras questões que, a meu ver, estariam alocadas no interior da composição mais geral desse imaginário. Um desses aspectos se refere às relações, no tocante a compreender o quanto o imaginário tecnológico do docente pode influenciar a relação entre eles e os estudantes, principalmente, quanto à mediação da relação dos alunos com as tecnologias.

Para melhor endossar o debate em torno do imaginário tecnológico dos professores, considerando as influências que estas impressões podem exercer sobre a legitimidade do fazer docente nesta era tecnológica, tomo como referência algumas exposições teóricas em torno da cultura digital, seguindo para as especificações do mito que a acompanha. No que diz respeito à vertente da cultura digital, esta inscrita, principalmente, no contexto dos estudos de mídia, cabe ressaltar que o enfoque acerca dessa temática passa por questões de dimensões

não-tecnológicas em torno da relação entre os sujeitos e as tecnologias. Deste modo, busco tratar aqui do mito da digitalização, a partir de uma abordagem de cunho filosófico. Partilho da ideia, formulada por Felinto (idem), de que o imaginário tecnológico contemporâneo apresenta elementos de credos religiosos de origem cristã ou, mesmo, de religiões um pouco anteriores à consolidação da nossa cultura cristã. Estes elementos tocariam em nossas concepções sobre o corpo, a condição humana, sociedade e mundo. Por isso, poderíamos falar em um imaginário religioso da tecnocultura; no mito da cultura digital.

De acordo com esse autor (2011), um dos pontos mais recorrentes dessas homilias tecnológicas tem a ver com uma ideia de novidade suprema, contra toda mancha de passado ou tradição; que condiz com uma espécie de culto ao novo exercido no interior da cultura digital. Para Felinto, “os discursos da inovação tecnológica, especialmente no âmbito das tecnologias digitais, partem frequentemente de uma *tabula rasa* do tempo. Nada existia antes do novo e nada existirá depois, senão ele mesmo” (2011, p.44, grifo do autor). Nessa espécie de repúdio do tempo, a retórica tecnognóstica promoveria “uma sensação de maravilhamento tecnológico, entusiasmo infantil e desprezo por tudo aquilo que é *antigo*” (idem). Aí se vê um dos princípios do mito atravessando a relação com as tecnologias, mas, também, a teoria acerca desse advento, visto que o campo teórico das mídias atuais carece de história, o que, para Felinto, enviesaria possibilidades mais densas de crítica.

Considerando essa lacuna histórica, pretendo abordar assuntos que são bem anteriores à consolidação do fenômeno das tecnologias digitais – metafísica e alternativas ao paradigma metafísico nas ciências humanas – e, por isso, permitem vislumbrar o advento da cultura digital, bem como o mito que a segue de uma forma mais ampla. Afinal, num movimento de busca do novo no antigo, o passado ainda pode ter muito a dizer sobre o nosso presente.

Por fim, a partir do trajeto de estudos, interesses e questões apresentados, a pesquisa que segue fica organizada da seguinte forma:

Objetivo principal:

- Identificar e discutir elementos do imaginário tecnológico de professores.

Objetivos específicos:

- debater o que muda na atuação pedagógica, no ponto de vista do docente, diante do fenômeno das tecnologias.
- analisar e discutir como os professores se sentem no contexto da cultura digital à luz do imaginário tecnológico vivenciado por eles.
- refletir sobre a legitimidade da profissão docente, pela perspectiva daqueles que a desempenham na cultura digital.
- compreender o quanto o “imaginário tecnológico” do professor pode atravessar a percepção da relação entre estes e os estudantes no contexto da cultura digital, especificamente na mediação da relação entre os alunos e as tecnologias.
- tratar como o imaginário tecnológico partilhado pelos docentes condiciona as práticas pedagógicas em sala de aula com recurso das tecnologias.

Hipóteses:

- Os professores estariam, por conta de um suposto pouco conhecimento das mídias digitais, se “desautorizando” frente a uma suposta intensa utilização e/ou conhecimento das tecnologias por parte dos estudantes.
- O imaginário tecnológico apresentaria uma materialidade na atuação do docente, ou seja, este profissional estaria levando para a sala de aula muito do mito da cultura digital, no que diz respeito principalmente ao desenvolvimento de práticas pedagógicas com o uso de tecnologias. Neste sentido, um imaginário amistoso sobre as tecnologias, dentre outros fatores, pode favorecer a utilização das TIC em sala de aula.